

MARIELLA AUGUSTA

# Suíte

CONTOS

AMOSTRA



Rio de Janeiro, 2024

# Sumário

Língua

I

South american way

7

Gogolonho e Genoveva

25

Menininha

37

Pulverização

43

Família disfuncional

53

Cérbero

61

Achadas e perdidas

69

Canção do velho mundo

79

Atrás do art nouveau

85

**Um dia de praia**

91

**Troika**

99

**Uma justiça especial**

107

**Livre associação**

119

**Uma boa morte**

125

**“Terezinha de Jesus foi à queda, foi ao chão; acudiram  
três cavaleiros, todos três chapéu na mão...”**

133

**Leopold e Johann**

137

**Noélia**

145

**A restauração**

153

**Ratoeira**

163

Língua

AMOSTRA

Mirei no espelho minha língua estendida para fora. No fundo dela, um grande túnel se abriu para uma mandíbula que, debaixo da longa calota de um grande lagarto, conhecia seu único propósito. Diferente da luz da Lua, adorno do mundo, que ainda não se refletia na prata nem favorecia os amantes e os poetas.

Um perdedor, com vinte anos de toneladas, estava tombado no azul maciço da floresta, e uma chuva caía espirituosa pela sua carne matuta. Eu, meus pais e meus irmãos éramos comida deixada por gigantes marchetados, de frio e de quente, numa das portas do eterno.

Entramos como carnicheiros, escondidos e silenciosos, pela casa grande e agitada, com a única missão de sairmos na hora certa, sem sinais e sem relógios, no meio do infinito. Foram os ventos que saltaram, como sapos para fora da água, a fim de ensinar aos rebeldes como rastejar sobre a terra, sem lhes contar os segredos dos céus.

Ímpio, sequei meus olhos e tomei, com pernas longas, feitas de gases, dois caminhos diferentes. Tudo

colaborava. Todos participávamos sem o acidente e as exigências de Deus, que, naquele tempo, ainda era criança e não levava a brincadeira tão a sério. Era só a vida revezando seus contrários, sem os polegares e sem o sopro de Satanás. Nada para reconhecer no espelho. Sacrifício e sorte sucediam-se, nas vésperas da quintessência, pelas encostas da terra cifrada quando nós ainda éramos estouvados.

Depois de tanto arriscarmos o pescoço, ganhamos o dia da caça. Escolhemos pedras coloridas nos campos e montamos guarda contra a Lua que enfim se insinuara. Tendo andado muito, precisávamos construir sombra e água fresca para apagar o fogo. E, quando Deus já não caía mais do céu, eu, meus pais e meus irmãos recebíamos as cartas.

Mais tarde, as mãos, porque foram ficando pequenas demais para cavarem suas apostas, tiveram de voar até os crânios arredondados. Foi quando jogaram os naipes como malabares e embaralharam as geografias do tempo que já não parava de crescer.

Subimos às montanhas, para uma grande festa com flores, incensos e danças, onde todos comíamos juntos depois da caminhada. Descobrimos frutinhas coloridas e engraçadas entre folhagens graves; deixamos os lobos se aproximarem e viramos todas as noites. Isso porque tínhamos aprendido a dinâmica do mar e o assobio das plantas farfalhando.

Vivíamos à margem dum rio de espelhos onde navegavam fisionomias, divididas lado a lado, com as quais inventávamos todas as cores do Sol. O espírito fáustico de Deus começou a se interessar pela terra, desde então coberta de signos. Verdade e mentira.

Então, Ele aspergiu saudade em nossos olhos defuntos. Nós, que já estávamos aquecidos, fomos descobertos. O sangue, frio de medo e de memória, surpreendeu-se no meio da noite em que chegara o passado e um pouco do futuro. Nosso calcanhar esborrachou-se, da montanha até o vale dos inadaptados, por termos cruzado os braços de tristeza. Uns subiram em cima de outros para ver se havia outro jeito.

Apesar da baixa na imunidade, a doença não queria matar seus hospedeiros, mas ao contrário, deu-lhes o avesso da matéria que, embora tivesse a desvantagem do time visitante, apontava as luzes do castelo.

Sem saber que ainda seguia a estratégia do parasita, o carbono quis deixar seu recado. Armado, desde a primeira modulação meteu as asas nas paredes da torre que nunca ficou pronta; que foi destruída pelo grande segredo a fim de se manter segredo. A torre insiste. Imperfeita, faz contas, faz alianças e rouba a Lua para metê-la no bolso de trás. Luta para diminuir a desvantagem de estar no escuro.

Deixo o espelho, onde só o amor intelectual de Deus poderia perdoar tudo, e vou agir com a procuração que

assaltei, menos por vaidade e por ócio do que por engano. A favor do meu crime, só a beleza da torre depõe. Seu mosaico de espelhos, sob mil e um véus, deu identidade aos doentes para que procurassem o sentido, trocassem bilhetes e conspirassem contra o jogo ciumento. Foi essa a promessa de saúde que trouxe, até aqui, por nove portas, mais este invasor.

AMOSTRA

**South american way**

AMOSTRA

Prezado senhor,

não há a menor dúvida de que o seu texto tem todas as qualidades de um conjunto de contos. No entanto, este ano, a editora está comprometida com a publicação de algumas obras completas e, infelizmente, não publicará novos autores. Agradecemos o contato e desejamos boa sorte.

Cordialmente,

Conselho Editorial.

Já era a terceira vez que lhe desejavam boa sorte. Publicariam novos autores sim. Só que não seria ele. Nunca ele. Não havia uma só razão para que o publicassem. Não era filho, nem neto, nem sobrinho. Não era advogado, nem professor, nem jornalista, nem padre, nem militante. Somente amava a literatura e gostava de escrever. Azar o dele o de ter nascido numa época em que a literatura andava batendo cabeça como um demente sem cuidados. Deveria escrever um roteiro. Aquela moça deixou claro com suas palavras bêbadas e convictas:

— Agora é só audiovisual. O mundo mudou.

Era verdade, o cinema tinha substituído a literatura porque não se sabia mais o que ela era. Era por isso que tudo estava daquele jeito. Conta cara. Nenhuma gente vive bem sem boa literatura.

O pior é que nem cinema era mais. Audiovisual. Isso quer dizer, no limite, websérie. Só que, sem um centavo no bolso e as contas batendo na porta, era obrigado a considerar. Seria um grande risco em todos os sentidos:

não queria fazê-lo. Não sabia fazê-lo. E a grana mesmo, só se a bêbada fosse confiável, alguém quisesse filmar e alguém quisesse pagar por toda a porcaria. Quanto à reputação? Melhor ser roteirista no inferno do que não ser nada. E se tivesse nascido para escrever roteiros? E se aquilo fosse a verdadeira vida escondida sob a vaidade? Já estava começando a delirar. Sabia que poderia escrever tudo, menos roteiros. Também, o que podia fazer no meio de tanta grosseria, senão delirar? Todos eram grossos. Gente grossa de banho tomado. Que é que Deus queria dele? Muito mais do que coragem. Se bem que fazer cinema, quer dizer, audiovisual, numa terra onde não existia cinema, nem toda a coragem do mundo bastaria. Deus queria humilhação mesmo. Só que não era isso que estava em jogo. Devia tanto ao irmão que a coisa se tornara impagável. Um irmão que não era um Theo. Um irmão qualquer. Que era aquilo? Olha como estava falando... tanto rancor. De fato, ficara alérgico ao mundo, como era alérgico a cigarros. Não tinha a menor paciência para coisa nenhuma.

Desde que lhe apareceu a desgracinha, o irmão não estava muito compreensivo. Não que fosse antes. Mas sabe como é — difícil deixar alguém passando fome, mesmo que seja um alcoólatra, talvez, principalmente, um alcoólatra. Não era compreensivo, mas a promessa à avó moribunda era o quanto bastava para um cristão culpado. Deus abençoe a culpa. Deus abençoava, e

do dia 10 ao dia 15 de todo mês, podia buscar a culpa em notas de 100. Podia. Porque, naquele momento, morder duas de 50 era luta terrível. Começava por ter de jantar lá, naquela casa com cheiro de talco desde o *hall* (algumas pessoas têm filhos só para gastar mais dinheiro). Da última vez... que era aquilo? A criança perdida entre uma tonelada de brinquedos, dava pena. Ademais, a desgraçinha mandaria das suas:

— Ter um filho muda muito a gente. Tudo fica para o filho. Não sobra nem tempo nem dinheiro. Está fazendo algum freela?

Desgraçinha, desgraçinha, quem te fez tão desgraçinha?

Melhor tomar mais uma. Tão cafoninha era aquela mulherzinha. Isso porque nadava em dinheiro. O mau gosto impõe o mais profundo dos silêncios. A diferença do mau gosto do pobre para o mau gosto do rico é que o rico faz mais esforço. E como ela fazia esforço! Tanto vinho, tanto vermelho, amarelo e, de repente, um verde. O irmão tinha virado um babaca de bermuda jeans.

Não que fosse ingrato. Mas, porra, se era para parar de dar, por que começou?

Pois era aquilo. Audiovisual. Pegar ou largar. Era uma bêbada, mas uma bêbada que pagou a conta. Não custava tanto tentar. Chamou um amigo que estudou a coisa, formado na coisa. Era o mais sensato. Aconselhou-lhe um livro:

— Syd Field.

Já o tinha folheado. Por isso mesmo que não queria fazer roteiros.

— O que você quer fazer? Já pensou?

— Tenho duas novelas (mentia). Preciso baixar um ou dois tons. Ver se não incomodo gregos ou troianos e *ya esta*.

— Legal.

— Você acha que eu consigo?

— Claro. Lê aí e manda ver. Se não achar na rede, cola aqui para pegar.

Sabia que não conseguiria. Quando disse que faria história sua, o amigo respirou diferente. Não que não confiasse em si. Confiava, mas tinha dois problemas: o *scene heading* e a preguiça. Na verdade, só tinha a seu favor os diálogos. Isso sabia fazer. Só não sabia escrever roteiros. Mas como as contas não são compreensivas nem sentimentais, abriu um novo documento para tirar no pelo.

A imensidão do branco fazia mal, dava enjoo no peito. Não era procrastinação nem nada parecido. Era a sério que sofria. Se fizesse uma boa série, poderia conseguir um emprego, para depois escrever seus contos e seus poemas. Sempre depois. Podia fazer uma sátira. Muito embora naquele tempo fosse perigoso escrever sátiras. O gênero tinha virado um campo minado. Outra merda para quem gostasse de escrever. Não tinha

dinheiro nem para comer, imagine para pagar processo. Era como cair na Maré ou no Bronx. Olha... isso sempre dá bons argumentos. Afinal a vida é isso: cair no lugar errado. Ao menos era o seu caso. Caíra no lugar errado.

Literatura confessional nem pensar. Sobretudo sendo gay. Não queria militar por nada deste mundo. Não gostava de conversar com estranhos. Não que não lutasse pela liberdade, se precisasse até lutaria sim. Ainda bem que não precisava lutar para dar a bunda (que sempre foi e sempre será a coisa mais fácil do mundo).

Um filme ruim ninguém esquece. Podia fazer a história de um psicopata. Mas não daqueles que matam, e sim daqueles que só não matam. Tinha conhecido mais de um. Lembrou-se do namorado da amiga. Uma erva daninha. Um pulha que tirou tudo dela e não lhe deu nada. No fim, fugiu. Um bom começo seria o episódio em que ele vomitou bêbado na sala e disse ao colega de república que foi a namorada. Ela, que nem bebia, frequentou a casa dos caras por meses sem saber por que não era bem recebida.

Int. Sala de estar. Noite.

Homem, 29, de pé, ouve o outro, 31, sentado em trajes mínimos gesticulando com certa alteração.

Começar assim, no entanto, daria a personagem inteira já na primeira cena. Embora os dez primeiros minutos devessem chamar a atenção do espectador,